

A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA DO PLÁSTICO BOLHA

Aluno: Lucas Viriato de Medeiros
Orientador: Marília Rothier Cardoso

Introdução

Há dois anos e meio vem sendo realizado um trabalho de divulgação cultural através da publicação do jornal literário Plástico Bolha. O periódico mensal possui uma tiragem de 8.000 exemplares, distribuídos gratuitamente em diversos pontos da cidade do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte, principalmente. Por ser um tablóide que nasceu na faculdade de Letras, ele se propõe a levar ao grande público o conteúdo que é trabalhado no ambiente acadêmico. São publicados, lado a lado, os professores doutores, os poetas renomados e os escritores iniciantes.

Objetivos

Estudar as possíveis relações de contato entre a academia e a sociedade. Pensar até que ponto as idéias produzidas no ambiente acadêmico podem deixar de circular apenas internamente e passar a ir ao encontro do interesse geral das pessoas. Propor soluções para essas questões baseado no trabalho que vem sendo realizado com o jornal literário Plástico Bolha, que já publicou mais de 500 textos de 205 autores ao longo de seus quase 3 anos de existência. Confrontar aspectos da teoria da literatura com a prática da literatura.

Metodologia

Considerando-se o jornal como meio físico de circulação de textos, na contra-mão do mundo virtual, este trabalho tentará estudar o Plástico Bolha como projeto literário, que se oferece como canal de circulação de idéias e a divulgação de autores não-contemplados pela nova estrutura que vem tomando conta da literatura como. Entende-se o jornal Plástico Bolha como um meio alternativo de circulação de textos e idéias, capaz de dar voz e espaço a diversos tipos de produções literárias ignoradas ou esquecidas. O modelo não é novo, já que publicações coletivas eram um hábito comum a estudantes e escritores das décadas passadas (sobretudo de 40, 50, 60) nos diversos estados do Brasil. Entretanto, uma certa lógica de mercado e de dispersão social tendeu a limitar a capacidade individual de organização e união, o que o jornal pretende, na medida do possível, remediar.

Trata-se então de uma relação que vai além da teoria com a literatura, que tem a intenção de participar dos diferentes meios que pretendem definir o que é literatura hoje. Há somente uma tentativa de estabelecer um diálogo entre o que há no campo da produção literária, seja acadêmica ou diletante, e da recepção ou leitura, criando novos leitores ao mesmo tempo em que se tenta atingir o público já existente.

Será falado a seguir sobre as formas práticas que estamos encontrando para realizar esse tipo de diálogo.

Em primeiro lugar, o Plástico Bolha baseia-se na idéia da **gratuidade**. Isso o torna menos exclusivo, atingindo qualquer leitor que entre em contato com o periódico nos pontos de distribuição ao redor da cidade. Dessa forma, os seus mecanismos de sustento vão desde anunciantes até interessados e colaboradores, que junto aos que publicam o jornal, financiam a operação. Vale lembrar que, quando o jornal começou, ele tinha somente 4 páginas e uma tiragem de 2.000 exemplares. Hoje, com 16 páginas e uma tiragem de 8.000 jornais, os

valores mais do que triplicaram e, não fosse a extrema dedicação dos que o coordenam, tal realização seria inviável e insustentável para estudantes.

Além disso, o jornal é **aberto a todos**. Ele teve início somente com os alunos de letras da PUC. Depois, os alunos dos vários cursos da universidade interessaram-se em participar. Logo depois, foi a vez das outras faculdades de letras do Rio de Janeiro: alunos e professores da UERJ, UFRJ, Cândido Mendes, Estácio de Sá, UniverCidade, Santa Úrsula, entre outras, começaram a enviar seus textos. Então, o jornal finalmente tornou-se aberto a qualquer um que pudesse enviar trabalhos de qualidade. Os textos são recebidos por e-mail, um meio acessível para um número cada vez maior de pessoas.

O Plástico Bolha tem total compromisso com a **imparcialidade** no julgamento dos textos. Tudo é feito de forma a evitar pré-julgamentos. Após serem recebidos no e-mail do jornal, os textos são repassados a uma Comissão Avaliadora que decide sobre aqueles que devem ser publicados. A Comissão teve início com três membros para prosa e três para poesia, mas, devido ao aumento da quantidade dos textos e das novas possibilidades literárias que foram sendo apresentadas, ela cresceu primeiro para cinco membros e, depois, para sete, incluindo estudantes capacitados e autores já publicados e com talento evidente. A idéia é que diversas opiniões sejam confrontadas e autores não sejam excluídos sem motivos. A análise da Comissão é quantitativa, funciona como uma espécie de primeiro filtro, pois depois eles passam para a Conselho Editorial, que tem a prática de discutir vários textos, tentando fazer uma análise qualitativa. Só o que passar por esse segundo filtro é publicado, somado-se aos textos dos convidados.

A **distribuição ampla** é uma das prioridades do jornal. Ele circula em várias universidades, escolas, bancas, livrarias, bares, cinemas, teatros, centros culturais, restaurantes e consultórios da cidade. Pretende-se, assim, chegar até onde o leitor (e qualquer potencial leitor) possa estar. Interessantemente, uma parte do público respondeu imediatamente ao nosso trabalho, sendo comum uma distribuição realizada pelos leitores nos meios onde vivem e trabalham. Foi criada, assim, uma rede de leitores que chega até os pontos mais distantes da cidade do Rio de Janeiro. Quando o jornal chegou ao número 13, uma decisão ousada foi tomada: levá-lo até a cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, uma terra de escritores consagrados. A resposta foi proporcionalmente muito significativa, revelando novos autores e um público imenso de leitores e interessados. Assim, faculdades como UFMG, PUC-MG, PROMOV, UNI-BH e FUMEC começaram a entrar nessa rede de produção e recepção de textos e idéias, e os leitores de lá também abraçaram o projeto, ajudando mais ainda na distribuição e expansão do jornal. Agora, no seu terceiro ano o jornal também chegou a outras cidades do estado fluminense, como Niterói, Maricá, Parati, Paraíba do Sul e Petrópolis.

Essas são apenas algumas questões que serão levadas em conta. Também compõem o cotidiano do jornal desafios referentes à diagramação, ao diálogo com outras áreas como a música ou a filosofia, desenvolvimento de linhas editoriais e a realização de eventos que divulguem o jornal e os autores vinculados. Analisar esse projeto internamente, em termos do conteúdo, seria também uma linha de estudo possível que, porém, não será seguida aqui.

Conclusões

Vida e literatura não se podem separar. Esse tipo de separação traz equívocos na forma como a literatura é considerada, causando o desprestígio que hoje atinge a literatura atual, transformada em algo solene, desvinculado do dia-a-dia.

Referências

1 – **Jornal Plástico Bolha**, n.1 a 22, mar./ 2006 à ago./ 2008.